

CULTURA / Atriz e escritora participou do projeto Arte e Reabilitação com o espetáculo autobiográfico *O pior de mim*, em que ela aborda temas vividos ao longo dos seus 65 anos, como machismo, misoginia e etarismo

Maitê Proença encanta no Sarah

» CAMILLA GERMANO

Em um espetáculo imersivo sobre a vida, lutas, carreira e vivências, a atriz e escritora Maitê Proença, 65 anos, conta um pouco da própria história e faz uma reflexão autobiográfica sobre os impactos do cruzamento entre as trajetórias familiar e profissional. *O pior de mim*, com direção de Rodrigo Portella e texto da própria atriz, mergulha nos 65 anos de Maitê e aborda temas vividos pela atriz ao longo dos anos como machismo, misoginia e etarismo.

Maitê esteve na capital federal com a peça no último final de semana e, ontem, se apresentou exclusivamente para 120 pacientes, acompanhantes e integrantes da equipe do hospital no Teatro Sarah Brasília do Rede Sarah (Hospital Sarah Kubitschek) — como parte do projeto Arte e Reabilitação da Rede.

Ao terminar a apresentação, Maitê foi homenageada com flores e ovacionada pelos pacientes do Sarah, que durante uma hora da apresentação conseguiram viajar com a atriz pelas diferentes fases da carreira dela. “Esse é um projeto lindo que busca associar cultura à cura”, disse Maitê.

Arte e Reabilitação

A apresentação faz parte do projeto Arte e Reabilitação da Rede, oferecido pelo Sarah, que leva ao pacientes atividades culturais que melhoram a condição cognitiva e emocional.

Segundo a neurocientista Lúcia Willadino Braga, presidente-diretora da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, a arte faz muita diferença na saúde. “Felizmente contamos com artistas maravilhosos, que vêm aqui e fazem esses belos espetáculos. Isso faz muito bem aos pacientes, que ficam muito felizes. Arte é saúde. Arte é fundamental na reabilitação”, afirmou.

Rogério Santos Silva é fisioterapeuta do Sarah há 28 anos e conta que vê muita melhora entre os

Fotos: Rede SARAH/Divulgação



Pacientes assistem a apresentação da peça. Projeto Arte e Reabilitação, desenvolvido pelo Sarah, visa melhorar a condição cognitiva e emocional

Rede SARAH

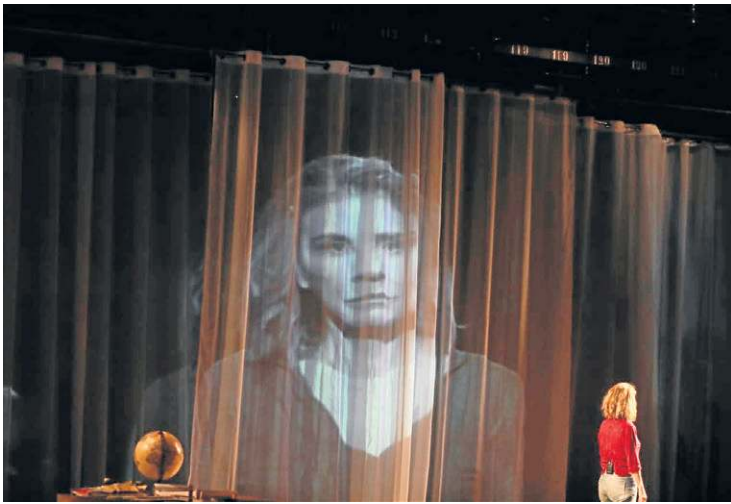


Em *O pior de mim*, Maitê Proença revisita várias fases da vida

pacientes que são ajudados pelo programa, especialmente aqueles que ficam internados para reabilitação em um período maior. “Parece que esse tipo de evento dá uma renovada nesses pacientes e o projeto ajuda com que aqueles que estão há mais de um mês internados, longe de casa, consigam esquecer por um tempo o período

que estão internados e tira o foco da doença”, afirmou.

O especialista também avalia o valor cultural do programa, uma vez que muitos pacientes vêm de fora de Brasília em busca de tratamento e, em alguns casos, não têm acesso à cinemas e teatros e podem tê-los com o projeto. “Ajuda até mesmo na



Monólogo, com uma hora de duração, arrancou aplausos do público

questão social e familiar, porque podem ter acesso à essas atividades e perceber que o paciente está tendo essas experiências culturais”, considera.

Vale ressaltar que nessas apresentações culturais promovidas pelo projeto, cada paciente pode levar um acompanhante.

De forma lúdica e interativa,

Maitê reflete na peça sobre como sua vida profissional e familiar se entrelaçaram. A obra une às angústias e anseios, os medos e todas as sensações com as quais ela lidou e como ela se recompôs.

O texto do monólogo rendeu também um livro homônimo que trata de temáticas como machismo, misoginia e outros preconceitos.

Outras apresentações

Anteriormente, participaram do projeto o cantor e compositor Chico Buarque, que fez uma apresentação de 40 minutos em que cantou sucessos como *Leãozinho*, *Quando a gente ama* e *Diana*, em homenagem a Gal Costa.

Na data, cerca de 150 pacientes cadeirantes ou em macas acompanharam a apresentação, além de autoridades como o senador Randolfe Rodrigues, os ministros do Supremo Tribunal Federal Luís Roberto Barroso e Carmen Lúcia; a ministra do Tribunal Superior do Trabalho (TST) Maria Cristina Pedruzzi; o ministro aposentado do Supremo Carlos Ayres Britto; e a atriz Maria Paula.

Outra apresentação no Teatro Sarah foi o espetáculo *Eu e elas*, estrelado por Orlando Moraes, Ana Moraes, Antônia Moraes e Cleo Pires, trouxeram no repertório sucessos da MPB, composições inéditas do grupo e destaques da carreira de Orlando, como *Cruzando raios*, *Na paz*, *Tanto faz* e *Vem não vem*.

PODCAST

Chorinho feito em casa

» MARIANA SARAIVA

No quinto episódio do podcast *Conversa com o Zé*, o jornalista José Carlos Vieira recebeu Fernando César, instrumentista e professor de violão, e o filho, o bandolinista Bento Tibúrcio. Ambos destacaram a importância do ensino de música nas escolas públicas do DF, além do estilo único que tem o choro de Brasília.

Em um dos momentos altos da conversa, o jornalista abordou sobre a importância do choro para a cena musical brasileira e sobre a necessidade de preservação do gênero. O músico respondeu que uma maneira de se perpetuar ainda mais o choro seria o levando a música para dentro das escolas. “Infelizmente, nas escolas públicas, são poucas a crianças que têm contato com a arte de modo geral, principalmente com a música instrumental popular brasileira”, disse César.

O instrumentista contou que, ao longo dos anos, tem feito alguns projetos para levar o choro para dentro da rede pública de ensino. Ele está montando uma cartilha para entregar para as crianças, com QR Code que leva a um vídeo no YouTube, no qual é contada a história do choro e são apresentadas os instrumentos musicais e uma playlist.

Fernando defendeu a criação de uma linha de financiamento junto à Secretária de Cultura para divulgar a arte dentro das salas



Direcione a câmera do celular para o QR Code e veja o podcast completo

de aula de Brasília. “Não basta só a escola regular, com conteúdo para concursos. Eu acho que é preciso formar um ser humano, e a música e a arte são fundamentais para essa formação” concluiu.

Para José Carlos, o fomento da música dentro das escolas poderia valorizar jovens talentos que existem na capital. Para ele, Brasília tem vocação para cultura forte. “Aqui a gente tem um produto muito bom, que é a música, instrumental brasileira e tem em um espaço arquitetônico perfeito para esse tipo de ambiente cultural”, comentou o jornalista.

Choro e Brasília

Zé perguntou a Fernando sobre o fato de ele ter crescido ouvindo que o choro iria acabar e, por quais motivos, o estilo continua vivo. “O choro é essência da nossa música popular, e aqui em Brasília tem uma força

Ed Alves/CB/DA.Press



O jornalista José Carlos Vieira durante o bate-papo com os instrumentistas Fernando César e Bento Tibúrcio

impressionante pois ajuda a levar o gênero para o Brasil inteiro”, respondeu Fernando.

O jornalista questionou sobre a diferença do choro de Brasília com as demais regiões do país. Fernando disse que acredita que vem da ousadia herdada de outro gênero musical que denominou a cidade como capital do Rock. “Eu falo muito que isso deve ao sotaque do choro de Brasília. E esse sotaque herdado do rock foi feito aqui na década de 80, e nesse período de tantas bandas, eu acho que essa ousadia do roqueiro a gente conseguiu incorporar e

levar para o choro, que se tornou o choro de Brasília”, comentou.

Ao Bento Tibúrcio, de 16 anos, Zé lembrou a vinda do jovem músico ao jornal, em 2017, quando havia aprendido a tocar baixo, e perguntou sobre a atual relação com o instrumento. “Eu sempre gostei de baixo desde de criança, mas sempre toquei bandolim e cavaquinho. Só depois eu consegui um contrabaixo e comecei a tocar, ainda toco, mas agora estou estudando o bandolim”, conta.

Com as responsabilidades que envolvem a adolescência,

o jornalista perguntou como Bento faz para conciliar os estudos do bandolim com a escola e os deveres diários. “Tem alguns alguns compromissos da música que, às vezes, eu preciso faltar um dia de aula. Af eu vou recuperando as tarefas à noite, mas eu sempre vou bem na escola”, relata Tibúrcio.

José Carlos homenageou o pai de Fernando, Américo, funcionário da reserva da marinha, que faleceu no ano passado, que deixou um legado na carreira do músico. “Ele teve uma família musical, o avô dele era um

seresteiro, o pai tocava trompete, o irmão saxofone, e ele tocou a vida inteira. Ele nunca foi um profissional da música, mas a música sempre teve junto a ele”, disse Fernando.

O instrumentista recordou que o primeiro contato com um instrumento musical ocorreu aqui em Brasília, na década de 80, quando a família veio do Rio de Janeiro. “Meu pai comprou o cavaquinho. Os discos que tocavam em casa eram de choro e, por conta disso, a gente começou a se interessar pelo instrumento musical e a tocar”, relatou.